


INFÂNCIAS NEGRAS DE UMA COMUNIDADE PERIFÉRICA E OS SIGNIFICADOS DE OCUPAR-SE DO PROJETO SOCIAL AFROCINE

Black childhoods from a peripheral community and the meanings of getting busy of the afrocine social project


Infancias negras de una comunidad periférica y los significados de ocuparse del proyecto social afrocino

Cruz, T.V., Barradas, J.P.S. & Sampaio, E.C. (2021). Infâncias negras de uma comunidade periférica e os significados de ocupar-se do projeto social afrocine. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.*, 4(5), 502-519 DOI: 10.47222/2526-3544.rbto40821


Thaise Vieira da Cruz 

<http://orcid.org/0000-0002-7489-2780>

Universidade da Amazônia. Curso de Terapia Ocupacional. Belém do Pará, Pará, Brasil.

João Paulo Santiago Barradas 

<https://orcid.org/0000-0002-5957-7205>

Universidade da Amazônia. Curso de Terapia Ocupacional. Belém do Pará, Pará, Brasil 

Edilson Coelho Sampaio

<https://orcid.org/0000-0003-3963-8012>

Universidade da Amazônia. Curso de Terapia Ocupacional. Belém do Pará, Pará, Brasil.

Resumo

Introdução: Crianças têm um repertório de ocupações bem diverso, que engloba, principalmente, o brincar e a educação, e, para crianças negras que residem em comunidades periféricas dos grandes centros urbanos, os projetos sociais se tornam uma possibilidade de ocupação, como forma de promover o acesso a direitos básicos, favorecer o pleno exercício da cidadania e o combate ao racismo. **Objetivo:** identificar e compreender os significados de ocupar-se do Projeto Social Afrocine, vivenciado por crianças negras e voluntários de uma comunidade periférica de Belém (PA), assim como, os atravessamentos do projeto social nas suas vidas. **Método:** O presente estudo é do tipo qualitativo-descritivo, realizado através de pesquisa de campo. Realizaram-se entrevistas semiestruturadas com as crianças participantes e os voluntários do projeto social, que evidenciaram a realidade e as dificuldades de crescer encarando as mais adversas questões de caráter racial. **Conclusão:** Esta pesquisa ajudou compreender o valor da educação, representatividade e consciência negra nesse ambiente, marcado por injustiças, e o quão significativas são, para as crianças da comunidade, que se ocupam do projeto social, e como contribuem no enfrentamento do racismo.

Palavras-chave: Terapia Ocupacional. Ocupação. Crianças. Racismo. Projetos Sociais. Vulnerabilidade Social.

Abstract

Introduction: Children have a very diverse repertoire of occupations that mainly include playing and education, and for blackchildren who live in peripheral communities in large urban centers, Social Projects become a possibility of occupation, as a way of promoting access to basic rights, favor the full exercise of citizenship and the fight against racism. **Objective:** identifying and understanding the meanings of getting busy of the Afrocine Social Project, experienced by black children and volunteers from a peripheral community in Belém-PA, as well as the crossings of the social project in their lives. **Method:** The presente study is a qualitative-descriptive field research. In this way, semi-structured interviews were carried out with the participating children and the volunteers of the social project, which highlighted the reality and the difficulties of growing up facing the most adverse racial issues. **Conclusion:** This research helped to understand the value of Education, Representativeness and Black Consciousness in this environment marked by injustices, how significant they are for children in the Community who are involved in the social project, and how They contribute to the fight Against racism.

Keywords: Occupational Therapy. Occupation. Children. Racism. Social Projects. Social Vulnerability.

Resumen

Introducción: Niños tienen un repertorio de ocupaciones muy diverso que incluyen principalmente el juego y la educación, y para los niños negros que viven en comunidades periféricas en grandes centros urbanos, los Proyectos Sociales se convierten en una posibilidad de ocupación, como una forma de promover el acceso a los derechos básicos, favorecer la plena ejercicio de la ciudadanía y lucha contra el racismo. **Objetivo:** identificar y comprender los significados del cuidado del Proyecto Social Afrocino, vivido por niños y voluntarios negros de una comunidad periférica en Belém-PA, así como cruces de la proyecto social en sus vidas. **Método:** El presente estudio es una investigación de campo cualitativo-descritivo. De esta forma, se realizaron entrevistas semiestruturadas con los niños participantes y los voluntarios del proyecto social, que resaltaron la realidad y las dificultades de crecer frente a los problemas raciales más adversos. **Conclusión:** Esta investigación ayudó a comprender el valor de la Educación, la Representatividad y la Conciencia Negra en este entorno marcado por las injusticias, qué tan significativas son para los niños de la comunidad que se involucran en el proyecto social y cómo contribuyen a enfrentar el racismo.

Palabras clave: Terapia Ocupacional. Ocupación. Niños. Racismo. Proyectos Sociales. Vulnerabilidad Social.

1. Introdução

O Estatuto da Criança e Adolescente (1991) proclama que crianças e adolescentes são indivíduos portadores de direitos, possuindo todos os benefícios imprescindíveis da essência humana. No entanto, entre os principais grupos de risco predispostos à circunstância de vulnerabilidade, destaca-se uma parcela da população basicamente composta por crianças. A situação de vulnerabilidade social, que envolve grande parte das crianças do nosso país, favorece a formação de ambientes incapacitantes, identificados como barreiras estruturais de acesso a oportunidades, domínio à saúde, educação, lazer e cultura (Fonseca et al., 2013).

Um dos ambientes considerados incapacitantes para o desenvolvimento dessas crianças podem ser as comunidades periféricas dos centros urbanos, uma vez que têm um histórico marcado por negligências decorrentes da sua origem e construção social, que, no Brasil, se deu a partir do evento da Abolição da Escravatura, no fim do século XIX, fato responsável pela libertação dos escravos. Contudo, as populações africanas e afrodescendentes permaneceram desatendidas e o País não ofereceu qualquer assistência para as condições básicas de sobrevivência dos recém-libertos, que se concentraram em regiões menos civilizadas, de pouco ou nenhum progresso (De Oliveira & Oliveira, 2015).

Diante deste acontecimento, não existia ascensão ou obtenção de acesso para o desempenho de direitos e deveres de cidadão, sem garantia de habitação, educação, trabalho, saúde ou oportunidade de construção de uma vida digna. Os negros, então emancipados, e seus descendentes passaram a exercer funções formais e informais, sempre de inferioridade socioeconômica e política, residindo, majoritariamente, em localidades habitacionais de aglomerações segregadas e insalubres, como cortiços, favelas, palafitas e loteamentos ilícitos (Malafaia, 2018).

Essa construção social promoveu impactos que ainda hoje marcam a vida de crianças, que nascem e crescem condicionadas a riscos sociais característicos deste ambiente, que incluem um caráter ambiental, alimentar, de segurança e escassez de recursos e políticas públicas (De Freitas & De Mecena, 2012).

De acordo com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) (2010), 57 milhões de crianças e adolescentes vivem no Brasil, sendo que, destes, 31 milhões são negros, tendo uma parcela significativa em condições de vida marcadas pela dificuldade de acesso a direitos básicos. A taxa de analfabetismo é mais que o dobro entre pretos e pardos e a chance de estas estarem fora da escola é 30% maior, se comparado a crianças brancas da mesma idade (IBGE, 2018). Aproximadamente 49,6% vivem sem saneamento e com problemas de moradia (NCPI, 2019). Outros dados apontam sobre os riscos desses sujeitos virem a óbito por desnutrição, que é 90% maior, se equiparados a crianças brancas (Brasil, 2012).

Inúmeras crianças e adolescentes negros se encontram em um quadro de contraste e desigualdade. São reféns e vítimas de diversas violências raciais em seus principais meios de convivência, sendo nas escolas, hospitais, ruas ou até mesmo em suas casas. Frequentemente vivenciam acontecimentos discriminatórios, preconceituosos e segregadores (UNICEF, 2010). O racismo deixa uma marca difícil de apagar e se propaga desde a infância (UNICEF, 2010). Este pode ser descrito como “[...] a crença na existência de raças e sua hierarquização. É a ideia de que há raças e de que elas são naturalmente inferiores ou superiores a outras, em uma relação fundada na ideologia de dominação” (CFESS, 2016, p.10).

Almeida (2018) apresenta o racismo com um caráter sistêmico, sendo institucional e estrutural, não se tratando apenas de comportamentos e ações discriminatórias referentes à raça, mas de um extenso processo, que gera condições de privilégios e subalternidade distribuídos nas esferas políticas, econômicas e relacionais, diferenciando o tratamento entre grupos raciais distintos.

As crianças podem assimilar a diferenciação do tratamento racial apenas por observar as situações discriminatórias partidas de outras pessoas (UNICEF, 2010), seja em casa, na comunidade ou na escola, em todas as circunstâncias, a criança negra se torna vítima do racismo institucional, nascido da ineficácia das instituições/organizações em prestar uma assistência adequada aos indivíduos (nesse caso, às crianças), em virtude de características relevantes, como cor, cultura e origem racial. Em todo caso, é manifestado a partir de condutas, ações e comportamentos discriminatórios, adotados no ambiente das instituições, assim, colocando tais grupos raciais discriminados em posição de desigualdade e desvantagem no acesso aos benefícios das instituições/organizações (Nunes, 2016).

O compromisso do adulto é indispensável neste processo de formação, instruindo acerca da diversidade, contrapondo situações discriminatórias (UNICEF, 2010). Consequentemente, é um dever, edificar uma sociedade justa voltada às questões de equidade das relações raciais entre as crianças (Malafaia, 2018). O artigo 4º do Estatuto da Criança e do Adolescente diz que: garantir direitos deve partir de toda a sociedade e poder público (ECA, 1990).

Frente a esse quadro de violação, existe uma concentração de movimentos preocupados em afirmar a necessidade de garantir direitos e assegurar debates sobre medidas protetivas. A exemplo dessas ações, no Brasil, são aplicados os projetos sociais, que agem como principal instrumento de ação ligado à comunidade, também são oportunidades de ações práticas e efetivas para converter espaços, que permanecem separados entre o pessoal e coletivo, para uma intenção de mudar um contexto marcado por uma determinada problemática (Maciel, 2015). Logo, engloba ações frente às problemáticas do grupo social de crianças negras.

A concepção de um projeto social resulta identificar um fato, contexto social, histórico, e entender as correlações corporativas, grupais e comunitárias, e, assim, passa a elaborar um planejamento de intervenção, que leve em consideração os limites e chances para a transformação social (Maciel, 2015). No geral, os projetos sociais não são alinhados a uma perspectiva assistencial, estes desenvolvem suas

Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup., 4(5), 502-519, 2021

ações direcionadas para a construção de direitos e afirmação do cidadão. Assim, destaca a ideia de justiça social, que só pode ser possibilitada por meio do exercício da cidadania (Maciel, 2015).

Para alcançar os objetivos do projeto social é fundamental a participação de todos os envolvidos, incluem gestores, apoiadores, público-alvo etc. Esse engajamento pode se considerar um fim em si mesmo, visto que os resultados dependem do envolvimento dos participantes (Maciel, 2015).

Esse envolvimento e participação nos projetos sociais, em qualquer papel desempenhado, pode ser observado, classificado, analisado e promovido pela Terapia Ocupacional, que lança um olhar direcionado para as ocupações humanas, visto que, de acordo com a Associação Americana de Terapia Ocupacional (AOTA), “envolver-se em atividades que resultam em interação bem-sucedida ao nível da comunidade” (AOTA, 2015, p.22) pode ser considerada uma categoria de ocupação, mais especificamente direcionada para a Participação Social. Logo, para as crianças, a participação e engajamento em um projeto social se torna uma possibilidade de ocupação potencialmente enriquecedora.

As ocupações podem ser compreendidas como uma atividade, ou conjunto de atividades, que é realizada com consistência e regularidade (Pontes & Polatajko, 2016), fornecendo estrutura, valor e significado para o indivíduo (AOTA, 2015). Entre suas principais definições, pode-se citá-la como uma necessidade básica humana, responsável por apresentar significados para a vida. Esta se caracteriza como é desempenhada, influenciando diretamente no estado do indivíduo. A experiência da ocupação é subjetiva, logo, não apresenta padrões. Dá-se através de movimentos, funções e habilidades e seus resultados motivam a autoconfiança (Salles & Matsukura, 2016).

A ocupação engloba uma dimensão que vai além do indivíduo e sua compreensão inclui toda a complexidade do sujeito envolvido num determinado ambiente. Seguindo esse raciocínio, o significado da ocupação rompe barreiras individuais, abarcando também experiências extra-pessoais (Salles & Matsukura, 2016).

O conhecimento sobre ocupação demanda exame e reflexão, baseados em tais experiências pessoais. Esta é a fundamentação para a prática e responde constantes questionamentos. Entende-se que a ocupação é uma troca entre ambiente, contexto, pessoas e o tempo, observando sempre as próprias ocupações e compreendendo as ocupações ao seu redor. Assim, o significado age como um componente e extensão básica na compreensão da ocupação (Costa et al., 2017). Para toda ocupação, é atribuída uma interpretação, um valor, que é singular para cada sujeito, essa carga subjetiva é o que caracteriza o significado ocupacional (Costa et al., 2017).

O significado é construído a partir das experiências, que se apresentam no decorrer da vida, estando constantemente sob a influência de diversos fatores, sejam físicos, sociais, culturais etc. Isso torna cada vivência humana única, nunca igual a de outra pessoa e, mesmo que seja semelhante, cada indivíduo manifestará uma interpretação pessoal e particular. Toda essa dimensão é resultado de participar de determinada ocupação (Costa et al., 2017).

Estima-se que estes significados sejam relevantes para todos os indivíduos, inclusive para o público-alvo desse estudo, as crianças negras periféricas. Assim como os adultos, estas também compõem a sociedade e esse olhar específico, que compreende tanto o individual quanto o coletivo, tem muito a se expressar. Desse modo, é sugerido direcionar uma postura inclusiva aos debates da sociedade no qual esse grupo se faz presente (Nunes, 2016). As ocupações das crianças negras são ricas de muitos significados, como de qualquer outro indivíduo, e esse artigo busca alcançá-los, para que os tornem visíveis aos olhos da comunidade acadêmica, científica, da sociedade e do estado.

Entre as principais e fundamentais ocupações das crianças, encontram-se: o brincar e a educação. O engajamento nestas ocupações contribui para o desenvolvimento biopsicossocial e cultural, repercutindo nas suas relações estabelecidas (De Souza, 2016).

Levando em consideração a influência do ambiente aqui retratado, bem como os dados apresentados anteriormente, é possível deduzir que as ocupações das crianças negras acabam sendo prejudicadas pelo seu baixo acesso a direitos básicos, especialmente do que se refere à dignidade humana, enfraquecendo seu pleno desenvolvimento e engajamento saudável no brincar e, principalmente, na educação. E, no momento em que participar das ações de projetos sociais se torna uma ocupação na vida de crianças negras, abre-se um leque de novos significados, que podem ser analisados pela Terapia Ocupacional.

O profissional terapeuta ocupacional é habilitado para realizar uma análise precisa e assertiva sobre as ocupações humanas em todas suas entrelinhas. Desse modo, é através do conhecimento da Terapia Ocupacional que esse estudo contribuirá na identificação e compreensão sobre como, para crianças negras, podem se apresentar os significados de se ocupar de um projeto social em uma comunidade periférica de Belém-PA, bem como seus atravessamentos diante das suas vivências no projeto social.

2. Método

O estudo realizado é uma pesquisa de campo do tipo qualitativo-descritivo. Este conta com a autorização do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade da Amazônia (CONEP) – Parecer nº 3.502.842. Todos os preceitos éticos foram respeitados, de acordo com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

A coleta de dados foi realizada nos meses de setembro e outubro de 2019, no Núcleo Social Vinte de Fevereiro, um espaço comunitário do bairro Guamá, em Belém, capital do Estado do Pará, onde é realizado o projeto social denominado Afrocine ou Projeto Afrocine.

O Projeto Afrocine desenvolve um trabalho social no bairro Guamá com crianças e adolescentes de variadas faixas etárias, direcionado a problemáticas raciais vivenciadas por pessoas negras. Este realiza suas ações na comunidade periférica, por contar, especificamente, com uma população de indivíduos negros e pardos correspondente a 75,79% (Salles & Matsukura, 2016), também é o bairro mais populoso

de toda a região metropolitana, de acordo com o censo de 2010 do IBGE (Salles & Matsukura, 2016). Essa localidade é marcada por altos índices de pobreza, violência, falta de saneamento e de acesso a recursos básicos (Peixoto & Da Silva, 2016).

A metodologia do Projeto Afrocine propõe um espaço de resignificação do ambiente destas crianças, de modo que as valorizem, disponibilizando ferramentas de enfrentamento desta realidade que vivenciam e oportunize o acesso a alguns dos seus direitos fundamentais, referentes à educação, ao lazer, à cultura, à liberdade, à dignidade, à convivência familiar e comunitária, garantidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1991). O Afrocine propõe, em suas sessões, exibição de filmes, conteúdos audiovisuais e brincadeiras. Palestras são utilizadas como recurso didático para inserção dos temas transversais, ampliando o espaço de lazer e enriquecimento cultural das crianças, incentivando sua formação crítica e avaliativa das produções assistidas, além de outras expressões artísticas, como oficinas de dança, tranças e turbantes, que abordam temáticas negras em sessões representativas.

O público acolhido corresponde a cerca de 50 crianças e adolescentes em cada sessão, contando com o apoio voluntário de 10 adultos, que coordenam as ações desenvolvidas.

Para a pesquisa, contou-se com a participação de duas crianças e dois voluntários do Projeto, em concordância com os critérios de inclusão e exclusão estabelecidos. Foram incluídas crianças de 6 a 12 anos incompletos (de acordo com o ECA), que residem no bairro e que têm o direito ao benefício social Bolsa Família regular e que frequentam as sessões assiduamente nos seis meses anteriores à pesquisa. Excluiu-se crianças que não se enquadravam nos critérios anteriores. Como critério final, utilizou-se amostragem por conveniência entre as crianças e entre os voluntários.

Os participantes estarão descritos a seguir, de acordo com as informações coletadas:

Erê¹ 01: 12 anos, mulher cisgênero, autoidentificada como da raça negra, ensino fundamental em andamento, natural do município de Belém, participante do projeto Afrocine há, aproximadamente, um ano.

Erê 02: 09 anos, homem cisgênero, autoidentificado como da raça negra, ensino fundamental em andamento, natural do município de Belém, participante do Projeto Afrocine há, aproximadamente, um ano.

Afrocineiro² 01: 21 anos, mulher cisgênero, autoidentificada como da raça negra, ensino superior em andamento, natural do município de Belém, voluntária do Projeto Afrocine há, aproximadamente, um ano e seis meses.

¹. "Erê" é uma palavra da língua Iorubá, originária do continente africano, que significa "brincadeira". Nas religiões de matrizes africanas, refere-se aos guias espirituais que transparecem leveza, travessura, manha, dengo, pureza e alegria, sendo frequentemente relacionados à energia das crianças.

². "Afrocineiro" é como são chamados os voluntários/oficineiros do Projeto Afrocine.

Afrocineiro 02: 26 anos, homem cisgênero, autoidentificado como da raça negra, ensino superior em andamento, natural do município de Belém, voluntário do Projeto Afrocine há aproximadamente um ano e seis meses.

Os participantes e os devidos responsáveis tomaram conhecimento dos objetivos e aspectos éticos da pesquisa por meio de leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).

A Pesquisa tem como objeto de estudo as falas dos participantes, colhidas por meio dos instrumentos de pesquisa, que correspondem a duas entrevistas semiestruturadas, uma com as crianças e outra com os voluntários do Projeto. E, a fim de compreender o material colhido, utilizou-se o método de Análise de Conteúdo, que, segundo Bardin (2011), compreende técnicas de interpretação das comunicações, descrevendo seu conteúdo explícito e implícito, codificando suas diversas interpretações. Ao final do procedimento, foram feitas as considerações dos autores.

3. Resultados

Dos dados colhidos, identificaram-se alguns temas recorrentes, que foram categorizados em 3 (três) sessões, explicadas a seguir.

1. O ocupar-se do Projeto Afrocine para o despertar da consciência negra

Situações de racismo são recorrentes no cotidiano de crianças negras, evidenciadas durante as sessões do Projeto. Essas ocorrências, aparentemente, passam despercebidas pelas próprias crianças, que carregam experiências discriminatórias, que, primeiramente, são percebidas pelos voluntários. Um exemplo desses relatos é exemplificado pelo Afrocineiro 02, que diz:

“[...] a gente falou, uma vez, sobre uma questão de racismo que tinha acontecido. Demos um exemplo de reação à situação dentro da escola e, quando a gente acabou de conversar, uma menina falou assim: tio, já aconteceu isso comigo.” (Afrocineiro 02)

A consciência negra é uma temática das discussões propostas pelo Projeto Afrocine, com intuito de educar e informar as crianças como, primeiramente, identificar situações de racismo nos seus cotidianos. De forma objetiva, o Erê 02 expõe compreender a existência do racismo, sendo uma experiência negativa, que ninguém deveria praticar, mas também demonstra ter construído uma autodefesa, por meio da autoprivação, abdicando de algumas relações interpessoais, como é descrito a seguir:

“Eu aprendi que... não pode fazer racismo porque é muito errado [...] se eu vejo, eu saio de perto.” (Erê 02)

A partir das vivências do Projeto Afrocine, houve a possibilidade das crianças redimensionarem o pensar e o observar o mundo em sociedade, o compreendendo como um espaço de diversidade, buscando

educar seus semelhantes para o combate do racismo, levando o conhecimento sobre o respeito às individualidades e às coletividades dentro das questões raciais. A participante Erê 01 revela a sua compreensão no que tange o racismo presente nas suas experiências pessoais, sensibilizando seus colegas contra tal prática.

“[...] isso que eu tava falando agorinha, o racismo, eu já ensinei pra minha amiga do colégio, que tu não pode chegar e falando assim: “Ah, você é preto, vai sair da brincadeira porque tu é preto, aqui só tem branco” “(...) bora fazer as meninas parar de mexer com uma menina preta.” (Erê 01)

A atitude descrita pela Erê 01 entra em concordância com as palavras do Afrocineiro 01, que explana os objetivos do Projeto Afrocine, visto que ela conseguiu identificar e ter uma atitude de combate ao racismo, que tentaria privá-la de exercer a sua ocupação de brincar.

“Quando uma criança me diz... e diz que ouviu algo racista e ela já identificou que é racismo e ela já consegue ter ferramentas para se defender, sem desrespeitar o próximo e, sim, ter muitos argumentos, significa que todas as sessões estão sendo válidas” (Afrocineiro 01)

2. O Projeto Afrocine e a ocupação Educação

Foi percebido que as crianças compreendem o projeto social enquanto ocupações que, para suas vidas e desenvolvimento, consideram-se fundamentais, sendo estas a Educação e o Brincar.

“É legal, a gente brinca, a gente dança, se diverte... e aprende muito.” (Erê 01)

“Acho que... Brincadeiras, educação... é certo.” (Erê 02)

Apesar de fundamentais, o material colhido contempla mais falas referentes à Educação, que é uma ocupação constituinte das práticas do Projeto Afrocine, por meio de atividades realizadas em suas sessões, que são percebidas entre as crianças participantes com uma expressiva significância. Estas atribuem valor à educação, correlacionando essa ocupação à identificação do Projeto, como contempla as falas dos Erês 01 e 02, que utilizam os verbos “ensinar” e “aprender”, dando a conotação de que há constante troca de conhecimentos e saberes neste ambiente.

“[...] um projeto muito educativo, que ensina às crianças os modos de viver e outras coisas também.” (Erê 02)

“Eu acho importante a gente aprender com eles, tudinho.” (Erê 01)

Essa educação, por meio da troca de saberes, torna-se um agente no desenvolvimento da consciência negra destas crianças. O Afrocineiro 01 o compreende enquanto formador de conhecimento e

contribuidor ao aprendizado das crianças sobre os contextos e ambientes em que se ocupam na sociedade.

“Então... quando um projeto social... é formador de conhecimento, quando leva um educador, quando leva só quem apenas vivenciou algo para falar sobre aquela realidade para ti, e tu consegue se identificar, se encontrar naquela realidade, ou então apenas parar para pensar um pouquinho sobre tudo que tá acontecendo, é algo que você leva para vida.” (Afrocineiro 01)

O Afrocineiro 02 reforça a fala anterior e diz que a educação contribui para que as crianças conheçam os seus direitos, refletindo diretamente nos seus comportamentos.

“Mas, aí, quando tu pega a educação como ferramenta, quando ela conhece seus direitos, quando ela sabe quem tá errado é o outro, não ela, faz toda a diferença e a diferença vem no teu comportamento.” (Afrocineiro 02)

3. Projeto Afrocine e a Representatividade Negra

O racismo marca significativamente a vida das crianças, que passam a ter dificuldades de lidar com seus próprios traços e com a cultura afrodescendente. Essa ferida na autoimagem de crianças negras é mencionada pelo Afrocineiro 02 como um fator observado pelos voluntários, especialmente quando se trata da estrutura capilar das meninas, que têm sua autoestima comprometida.

“[...] as meninas têm uma questão muito forte com o cabelo, a gente tentava mexer no cabelo delas e fazer com que elas se sentissem à vontade para estar com cabelo natural e solto e elas se recusavam porque [...] era motivo de racismo mesmo, que elas sofrem em relação à estrutura do cabelo delas.” (Afrocineiro 02)

Outra preocupação descrita pelo Afrocineiro 01, diz respeito à representação que as próprias crianças têm sobre ser negro, implicada pela construção social racista, que emprega diminuição e negatividade sobre a imagem do negro, o que dificulta a ressignificação e a construção de um entendimento positivo para a autoestima.

“[...] como é que esse olhar de Negritude pode ser lido como positivo para uma criança, sendo que toda uma sociedade lê aquilo como negativo.” (Afrocineiro 01)

O Afrocine tem trabalhado em uma ótica de representatividade, apresentando novos significados de um reconhecimento positivo do negro. O Afrocineiro 01 diz que um ambiente preenchido de pessoas negras provoca reflexões nas crianças sobre o assunto:

“[...] a partir do momento que você chega em um ambiente e encontra pessoas como você, que falam coisas que você nunca imaginou que poderia ouvir, onde você se olha no filme, se encontra

e começa a entender que as coisas que você passa não são simplesmente porque você é periférico... e sim porque você também é negro!" (Afrocineiro 01)

A representatividade se torna essencial, com indicativos que refletem diretamente na carga simbólica das crianças, que reconhecem pessoas negras como ídolos pelas semelhanças que têm consigo. Entre as referências de ambos os Erês, são citadas pessoas negras.

"Ó, o Pantera Negra (ChadwickBoseman) [...] é... o Nick Fury (Samuel L. Jackson), eles se parecem comigo." (Erê 02)

"O Peres... [risos], é sério, tio! Gosto da Iza também... acho que mais nenhum. (Erê 01)

São citados, como referências das crianças, cantores, atores e até mesmo pessoas próximas, como o Pérès Ricardo, um universitário africano convidado para realizar uma palestra no Projeto. O Afrocineiro 01 fala da importância de pessoas próximas assumindo esse papel na vida das crianças para que se sintam aproximadas dessa realidade.

"[...] você encontra pessoas que não são só artistas de TV, não são só cantores e músicos, mas sim professora... terapeuta... administrador... DJ... você encontra vários cargos, várias pessoas e você tipo.... não precisa sonhar tão longe as coisas tão perto, então você pode alcançar as coisas." (Afrocineiro 01)

Observamos também um possível resgate de referências que fazem parte da cultura negra, que são manifestadas nas oficinas, que fortalecem a identidade cultural dessas crianças, como descreve o Afrocineiro 02:

"[...] daí a gente poder oferecer filmes e documentários que estejam relacionadas com a cultura negra, [...] oficinas de dança, de percussão que já teve... de turbante, de trança... tudo isso pensando em fortalecer a identidade cultural racial e o respeito pela nossa história." (Afrocineiro 02)

4. Discussão

De modo geral, em todas as categorias, houve uma discussão relevante sobre o racismo que circunda suas existências. E, quando se pensa no racismo, levanta-se discussões que demandam a compreensão dos significados gerados por sua estrutura, que impacta a vida e ocupação de crianças negras.

O debate permanente do racismo na sociedade brasileira é essencial para construção e consolidação de um País sem discriminação e preconceitos referentes à raça, visto que, diferente de outras regiões do mundo, como os casos emblemáticos da África do Sul e Estados Unidos da América, o racismo se apresenta influenciado pelo conceito da propaganda "democracia racial brasileira", servindo como biombo

mascarador da realidade desigual entre brancos e não brancos, estruturada desde o passado escravocrata (Domingues, 2005).

O conceito da democracia racial brasileira surge a partir do evento da assinatura da Lei Áurea (Lei n.º 3 353 de 13 de maio de 1888), que extinguiu, em tese, a escravidão no território brasileiro. Enquanto, nos Estados Unidos da América, havia um cenário sangrento em decorrência da abolição, em que ocorriam diversas manifestações e retaliações a ex-senhores e governantes, com fins de vingança por maus tratos, e para conquistarem políticas compensatórias. Facilmente, esse cenário poderia ser espelhado no Brasil, sendo assim, a melhor saída seria não adotar as mesmas políticas de Apartheid³ e disseminar a ideia de que era um País livre de preconceitos raciais, criando um eventual clima de “fraternidade racial”, afinal, todos, brancos e negros, tinham direito à liberdade (Domingues, 2005).

Com o respaldo dessa suposta fraternidade racial, reproduzia-se o discurso de que: “se os negros fracassaram em sua ascensão na sociedade brasileira, evidentemente, foi sua própria culpa, pois, a sociedade não reprimiu nem obstruiu, de modo algum, o seu progresso” (Domingues, 2005). [...] Sugerindo constantemente que o preto tinha preguiça, ignorância, estupidez, incapacidades etc. Isentando, assim, a culpabilidade da população branca em geral, que continuou se negando a atender às necessidades básicas da população negra. Nesse processo de desumanização e negação da responsabilidade, com relação à subalternidade na qual os negros foram condicionados no decorrer da história, foi estruturando o racismo como conhecemos hoje em dia, onde há essa suposta “fraternidade racial”, sendo que os dados apresentados indicam uma profunda desigualdade entre os grupos raciais no Brasil na atualidade (Domingues, 2005).

Recentemente, aos poucos, é visível que essa população tem sido contemplada com leis afirmativas, que as protegem contra discriminação e preconceitos referentes à raça. Ainda que essas medidas tenham sido tomadas, o racismo continua enraizado na sociedade brasileira, o que motivou a população a manifestá-lo, majoritariamente, de forma velada, indireta e não declarada, embora haja graves exceções de manifestações racistas escancaradas.

Na atualidade, percebe-se que as discussões sobre racismo no Brasil possuem grande propensão à dualidade, pois, enquanto há uma linha de pensamento que considera a profundidade desse fenômeno, existe o contraponto que investe no discurso da inexistência, ou, pelo menos, suavidade do mesmo. É um cenário negacionista e moldado devido à normalização cultural de ideias e atitudes discriminatórias.

Almeida (2018) defende que o racismo é estruturado e que é a expressão natural de uma sociedade, e não um acontecimento doentio que exprime determinado tipo de desequilíbrio ou desvio de conduta. Este proporciona o significado, fundamento e incentivo para a propagação dos modelos de desigualdade, que marcam a vida social contemporânea, possuindo um corpo que o torna uma norma, e não uma exceção.

³ Apartheid é uma política de segregação racial que conta com a separação da população branca e negra, em que não poderiam ocupar os mesmos espaços públicos, educacionais ou postos de trabalho, privilegiando a população branca.

O racismo deixa marcas no engajamento de ocupações significativas de crianças negras, apresentado na categoria "O ocupar-se do Projeto Afrocine para o despertar da consciência negra", que exemplifica uma situação de Apartheid Ocupacional, quando um dos Erês é ameaçado a não participar de uma brincadeira por ser negro. Esse fenômeno é descrito por Kronenberg & Pollard (2005), estes dizem que:

[...] ocorre em situações em que oportunidades de ocupação são concedidas a alguns indivíduos e restrita a outras, baseadas em características pessoais como raça, deficiência, gênero, idade, nacionalidade, religião, status social, sexualidade etc (Kronenberg & Pollard, 2005).

Outro caso se faz presente na mesma categoria, desta vez, tratando-se de uma Privação Ocupacional, que é revelada quando o Erê 02 deixa de se engajar na sua participação social para evitar situações de racismo. Este é caracterizado pela exclusão em ocupações significativas, ocasionada por questões sociais, ambientais, econômicas, geográficas, históricas, culturais, políticas ou interpessoais (Chicaya et al., 2019).

Tais casos são constantemente acolhidos pelo Projeto Afrocine, podendo ser compreendido individualmente por cada participante. É perceptível quanto o papel dos Afrocineiros se faz fundamental nesse processo, visto que já possuem conhecimento e compreensão mais apuradas sobre as vivências negras, conseguindo facilmente identificar e denunciar as situações discriminatórias vivenciadas por essas crianças, que, muitas das vezes, ainda não têm dimensão de como o recorte racial influencia nas suas experiências e engajamento em ocupações.

Esse conhecimento não-formal, que envolve as experiências raciais de pessoas negras, quando é transmitido para as crianças, pode criar ferramentas de contrapartidas aos preconceitos e discriminações cotidianas, a exemplo do Erê 01, quando reage contra a injustiça que sofrera. Ainda que não seja uma resolução, pode se tornar um mecanismo de resistência.

Em ambos os casos, que envolveram a privação e apartheid ocupacional, englobavam o brincar, compreendido como uma ocupação fundamental para a Terapia Ocupacional, definido como "Qualquer atividade espontânea ou organizada que proporciona prazer, diversão, distração, divertimento ou entretenimento" (AOTA, 2015, p.22), através dela, as crianças experimentam o prazer, a descoberta, domínio, criatividade e expressão, bem como ensaiam a vida cotidiana (Zen & Omairi, 2009). Quando elas deixam de se envolver nessa ocupação, conseqüentemente, prejudicam o desenvolvimento de todos os aspectos citados. É super necessário levar em consideração a importância desta, tanto no desenvolvimento humano quanto no prazer que proporciona às crianças. Diante dessa compreensão, é importante se questionar sobre como as vivências raciais dessas crianças as impedem de ter um brincar saudável.

Além do brincar, é frequente citar outra ocupação no projeto social. Os entrevistados constantemente atribuem a Educação enquanto principal significado deste projeto social, sendo este um espaço de ensinamentos e aprendizagens.

A Educação pode ser compreendida como um profundo processo integrado da humanização, atuante em diferentes ambientes sociais, sendo eles na família ou na escola. A Educação está sempre em movimento de evolução, acompanhando as modificações do tempo, das formas, de adaptação, da cultura, de uma sociedade (Gomes, 2002). Para a Terapia Ocupacional, a educação é compreendida como as atividades fundamentais para a aprendizagem e participação em um ambiente educacional, formal ou não formal (AOTA, 2015).

Em concordância com a afirmação de que a Educação está presente no projeto social, o Afrocineiro 02 expõe, na sessão "O Projeto Afrocine e a ocupação Educação", os valores desta ocupação na condição de ferramenta de combate ao racismo e com importante atuação no enfrentamento de violações de direitos. Na visão da Terapia Ocupacional, essas situações podem ser compreendidas como Injustiças Ocupacionais, descritas como impedimentos do indivíduo realizar suas ocupações significativas com dignidade (Chicaya, et al., 2019).

Discursos dos entrevistados revelam que este atua no processo de construção da cidadania, assumindo um espaço alternativo de educação, que promove aprendizagem de novos valores e significados, permitindo que o sujeito compreenda o mundo do ponto de vista em que observa. Logo, percebe-se que está em consonância com os fundamentos de um projeto social que visa a constante promoção da cidadania (Maciel, 2015).

Os efeitos dessa Educação são evidenciados nas falas dos Erês, quando tomam consciência do ambiente em que habitam enquanto lugar de diversidade e valorizam o projeto social por suas práticas educativas. Apesar de atuar em um espaço não convencional, percebe-se que há uma contribuição à formação cultural negra, reforçando a obrigatoriedade do ensino de história, cultura afro-brasileira e africana nas escolas, como descrito pela Lei 10.639/2003, de Ensino da História e Cultura Afro-brasileira (Da Fonte, 2011).

Ao se ocuparem do Projeto, evidenciou-se a construção da consciência negra por meio das práticas educativas, que é reforçada pela simbologia do dia 20 de novembro. A consciência negra tem como propósito apresentar reflexões sobre a inserção social do negro no Brasil e fortalecer discussões das problemáticas da desigualdade racial (Da Fonte, 2011).

Contudo, esse reforço não se torna medida resolutiva, quando, na realidade, pelo que é relatado, ainda apontam uma visão negativa do que é ser negro, já que um contínuo processo de inferioridade vem sendo formado culturalmente. Considerando que, independentemente da cor de pele, qualquer criança que conviva em um meio de desigualdade, discriminação e preconceito compreende que pessoas negras ou povos originários têm ocupado papéis sociais hierarquicamente discrepantes.

Apropriar-se positivamente de uma identificação negra no Brasil é um desafio, já que identidades afirmativas de pessoas negras dificilmente são popularizadas, se comparadas à imagem de pessoas

brancas. Ao contrário da imagem e contexto negativo de pessoas negras, que são facilmente divulgadas em nossa sociedade, como favelas, presídios, marginalidade, tráfico e as ruas (Malafaia, 2018).

A sociedade brasileira foi construída por meio de representações brancas, o que reforça estereótipos do que hoje é considerado socialmente padrão. Essa visão afeta diretamente o processo de identificação de crianças negras, que podem vir a distorcer os significados atribuídos as suas ocupações, nos quais são diferenciados pelas suas vivências raciais, comprometidas pelo racismo. Portanto, fazer parte de um grupo social marginalizado, para as crianças, pode significar inferioridade, estimulando a criação de uma identidade e autoimagem negativa, assim, possibilitando o esquecimento da sua cultura e das conquistas dos seus antepassados. Logo, estas precisam de um constante suporte, por meio da transmissão de uma imagem positiva de seus semelhantes. É entristecedor saber que crianças negras necessitam de tal suporte, quando sua integridade e dignidade deveriam vir de forma natural, a propósito, é um direito básico. A identidade se dá por meio de uma metodologia de formação de significados e vivências de grupos culturalmente interligadas, e não da predominância (Malafaia, 2018).

Em contrapartida ao estímulo negativo das vivências raciais das crianças negras, o reforço positivo acontece de forma abundante e natural para as crianças negras do projeto social, como exposto na sessão "Ocupar-se do Projeto Afrocine: Representatividade". A composição positiva da identidade negra é mais uma barreira estrutural para ser enfrentada, visto que esse condicionamento ensina que, para o negro ser aceito, necessita abrir mão de si e de sua história. Diante dessa perspectiva, a representatividade rompe estereótipos e busca reforços sociais positivos e sentimento de pertencimento para este grupo, que é constantemente invisibilizado, defendendo principalmente visões políticas de se sentir representado (Malafaia, 2018).

Os significados dessa representatividade são constantemente reforçados nas falas dos Afrocineiros, que, para estes, é sinônimo de transformação e resignificação, o que é refletido na forma como as crianças se enxergam e veem o mundo. A simples presença e protagonismo de pessoas negras nesse ambiente possibilita a elevação da autoestima das crianças.

Para garantia de direitos, não se pode excluir os significados históricos e culturais que caracterizam crianças afrodescendentes. A omissão de debates sobre o assunto impossibilita o acesso aos direitos primordiais das crianças. Por isso, a representatividade tem sido valorizada e percebida pelas crianças e voluntários do Projeto Afrocine, contemplando o art. 17, capítulo II, do Estatuto da Criança e do Adolescente, que descreve a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais das crianças e adolescentes (ECA, 1991).

Transformar um cenário local, uma comunidade, demanda tempo, disponibilidade e empatia de todos os envolvidos e os projetos sociais, no geral, contam com essa logística. Nesse cenário, o Projeto Afrocine possui uma atuação singular e uma abordagem que busca ações que possam transformar positivamente a realidade de crianças negras na comunidade, por intermédio do conhecimento. "Um povo sem conhecimento da sua história, origem e cultura é como uma árvore sem raízes", essa frase é de Marcus Rev. *Interinst. Bras. Ter. Ocup.*, 4(5), 502-519, 2021

Garvey, um famoso ativista jamaicano que lutava pelo acesso dos negros ao conhecimento da sua ancestralidade.

O projeto Afrocine compreende a importância de oferecer uma terceira via para as crianças excluídas de oportunidade de acesso à informação sobre a identidade cultural, além de assegurar qualidade de vida, desde a infância, visando um adulto socialmente consciente. Este se torna uma ferramenta que contribui no combate pelas desigualdades sociais e raciais, promovendo acesso cultural e empoderamento intelectual, possibilitando mudanças na perspectiva de vida dessas crianças, garantindo o cumprimento das metas dos direitos humanos para aquela parcela que se encontra na invisibilidade, mediante a um protagonismo político e social.

Por fim, o projeto discute as necessidades além da problematização do racismo. Intensifica a busca e propagação do conhecimento da história, cultura, identidade e potencialidades, principalmente para as crianças negras, para que a história dos seus antepassados não seja reduzida, especificamente sobre o que foi o embargo social da escravidão.

5. Conclusão

A presente pesquisa apresentou reflexões no que diz respeito aos significados do Projeto Social Afrocine. Estes que foram identificados e compreendidos de acordo com a subjetividade dos participantes do estudo. E, através dessas reflexões, desdobraram-se temáticas relevantes, especialmente sobre o racismo, que marca constantemente a vida desse público específico, revelando a necessidade de ações afirmativas no enfrentamento das condições segregadoras desse fenômeno social.

Através dos significados identificados, pôde-se concluir que, para o Projeto Afrocine, a Educação é uma ferramenta fundamental na construção de uma Consciência Negra, tendo como fator essencial a Representatividade, que atua como um indispensável reforço positivo nesse ambiente.

Diante do atual cenário, onde os debates sobre racismo são cada vez mais crescentes, é de extrema urgência levantar essa discussão na Terapia Ocupacional brasileira, pois, há uma carência de conteúdos direcionados à população negra, especialmente às crianças negras. Estes fazem parte de uma parcela significativa dos brasileiros que enfrentam uma realidade de desigualdades sociais alarmantes.

Em um país onde há constante negação sobre a existência desse fenômeno social tão cruel, é fundamental considerar a contribuição de terapeutas ocupacionais, pois, estes têm uma visão precisa e minuciosa sobre o cotidiano das pessoas, portanto, possuem o compromisso fundamental em possibilitar que os indivíduos possam exercer suas ocupações de forma saudável. Por isso, é indispensável levar em consideração o recorte racial para que sejam alcançadas todas as dimensões do sujeito.

Para a Terapia Ocupacional, este estudo revela a importância de um projeto social no processo de ressignificação de comunidades periféricas, valorizando esse ambiente historicamente negligenciado,

contribuindo para o resgate de memórias e conquistas dos ancestrais, bem como favorecer o sentimento de pertença a esse grupo social que foi e é injustamente marginalizado.

Compreende-se que, para o terapeuta ocupacional, é fundamental levar em consideração as necessidades dessa população e seu ambiente, a fim de contemplar integralmente seus anseios e necessidades, para que seja alcançada a transformação social necessária, assim, garantindo seus direitos básicos.

A partir dessa pesquisa, podem-se levantar outras e novas discussões na profissão e na sociedade, que venham a colaborar cada vez mais nesse debate, contribuir para o enriquecimento da comunidade acadêmica e científica e, também, principalmente, para (re)estruturação desses espaços e combate ao racismo.

Referências

Almeida, S. L. (2018). *O que é racismo estrutural?* (1. ed.) Belo Horizonte: Letramento.

Associação Americana de Terapia Ocupacional (AOTA) (2015). Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo (3. ed.) *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*. 1-49.

Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. (6. ed.). Rio de Janeiro: Almedina.

Brasil: Ministério da Saúde (2012). *Política Nacional de Saúde Integral da População Negra*. (pp. 1-2); Brasília: Editora MS.

Chicaya, T. F., Joubert, R. & McColl, M. A. (2019). Applying the Occupational Justice Framework in Disability Policy Analysis in Namibia. *South African Journal of Occupational Therapy*. 49(1), 19-25. <http://dx.doi.org/10.17159/2310-3833/2019/vol49n1a4>

Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) (2016). *Assistente Social no combate ao preconceito: Racismo - Caderno 3*. (1. ed.) (pp.10). Brasília: Serra Dourada.

Costa, E. F., Oliveira, S. F. M., Corrêa, V. A. C., & Folha, O. A. A. C. (2017). Ciência Ocupacional e Terapia Ocupacional: *algumas reflexões*. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.* 1(5), 650-663. <https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto9687>

Da Fonte, P. L. (2011). *Consciência Negra*. (pp. 1-6).

<http://www.bntusina.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/8/240/60/arquivos/File/equipe%20multi/6%20encontro/ConscienciaNegra.pdf>

De Freitas, M. C., & De Mecena, E. H. (2012). Vulnerabilidades de crianças que nascem e crescem em periferias metropolitanas: notícias do Brasil. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*. 10(1), 195-203. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=77323982011>

De Oliveira, R. J., & Oliveira, R. M. (2015). Origens da segregação racial no Brasil. *AmérLatinHist et Mémo, LesCahiers ALHIM* (En línea). 29(1). <http://journals.openedition.org/alhim/5191>

De Sousa, J. G. (2016). *Atividades e ocupações de crianças e adolescentes brasileiros de 5 a 14 anos de idade* [Monografia de Bacharel em Terapia Ocupacional, Universidade de Brasília]. <https://bdm.unb.br/handle/10483/17090>

Domingues, P. (2005). O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889-1930). *Diálogos Latinoamericanos*. 1(10), 116-130. <https://doi.org/10.36449/rth.v5i0.8019>

Estatuto da Criança e do Adolescente (1991): *Lei nº 8069 de 13/07/90*. Brasília.

Fonseca, F. F., Sena, R. K. R., Dos Santos, R. L. A, Dias, O. V., & Costa, S. M. (2013). As vulnerabilidades na infância e na adolescência e as políticas públicas brasileiras de intervenção. *Revista Paulista de Pediatria*. 31(2), 258-64. <https://doi.org/10.1590/S0103-05822013000200019>

Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) (2010). *O Impacto do Racismo na Infância* (pp. 3-8). Brasília: BRZ.

Gomes, N. L. (2002). Educação e Identidade Negra. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, (9), 38-46. <http://doi.org/10.17851/2317-2096.9.0.38-47>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2018). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Educação 2018* (pp. 2-12). Brasília: Centro de Documentação e Disseminação de Informações.

Kronenberg, F., & Pollard N. (2005). Occupational therapy without borders: *Learning from the spirit of survivors*. (1. ed.) Toronto: Elsevier Churchill Livingstone.

Núcleo de Ciência Pela Infância (NCPI) (2019). *Equidade e Desenvolvimento Infantil*. (pp. 7) São Paulo: Insper, USP, ABC.

Maciel, W. L. S. (2015) *Projetos Sociais*. Palhoça: UnisulVirtual; 2015. ISBN: 978-85-7817-875-8.

Malafaia, E. (2018) A importância da representatividade negra na construção de identificação em crianças negras a partir de literatura infanto-juvenil negra. *Congresso Brasileiro de Pessoas Negras*. Uberlândia, 1-15.

Nunes, M. D. F. (2016) Cadê as crianças negras que estão aqui?: o racismo (não) comeu. *Revista Latitude*. 10(2), 383-423. <https://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/2616>

Peixoto, R. C. D., & Da Silva, J. S. (2016). Segregação racial na orla de Belém: os portos públicos da Estrada Nova e o Ver-o-Peso. Belém: *Bol Mus Para Emílio Goeldi Ciênc hum.* 11(3), 563-579.

<https://doi.org/10.1590/1981.81222016000300002>

Pontes, T., & Polatajko, H. (2016). Habilitando ocupações: prática baseada na ocupação e centrada no cliente na Terapia Ocupacional. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar.* 24(2), 403-412.

<http://doi.org/10.4322/0104-4931.ctoARF0709>

Salles, M. M., & Matsukura, T. S. (2016). O uso dos conceitos de ocupação e atividade na Terapia Ocupacional: uma revisão sistemática da literatura. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar.* 24(4), 801-810.

<http://dx.doi.org/10.4322/0104-4931.ctoAR0525>

Zen, C. C., Omairi, C. (2009). O Modelo Lúdico: Uma nova visão do brincar para a Terapia Ocupacional. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar.* 17(1), 43-51.

<http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/117/75>

Contribuição dos autores: T. V. C. foi responsável pela concepção e delineamento do estudo, análise e interpretação dos dados e redação. J. P. S. B. realizou a concepção do estudo, coleta, análise e interpretação dos dados, redação e revisão. E. C. S. realizou a orientação e revisão do texto.

Recebido em: 15/01/2021

Aceito em: 15/05/2021

Publicado em: 09/11/2021

Editor(a): Marina Di Napoli Pastore

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Terapia Ocupacional da Universidade da Amazônia (UNAMA) – como requisito para a conclusão do curso e obtenção do título de graduação.